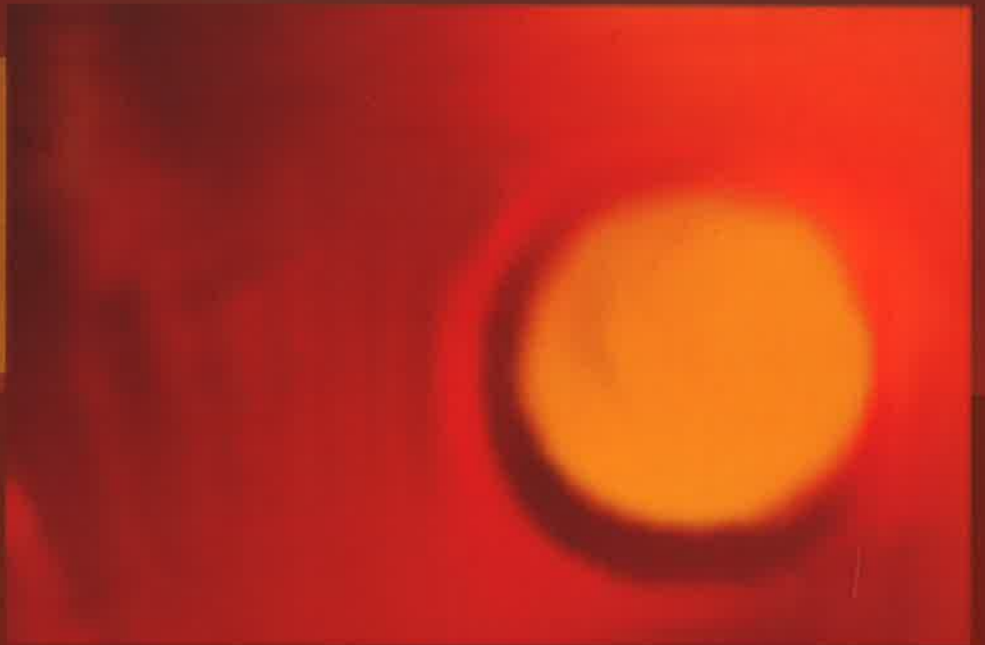


ESTUDOS I



FACULDADE de ECONOMIA da UNIVERSIDADE do ALGARVE

ESTUDOS I

Cidadania, Instituição e Património

Economia e Desenvolvimento Regional

Finanças e Contabilidade

Gestão e Apoio à Decisão

Modelos Aplicados à Economia e à Gestão

A Faculdade de Economia da Universidade do Algarve



Faculdade de Economia da Universidade do Algarve

2004

COMISSÃO EDITORIAL

António Covas
Carlos Cândido
Duarte Trigueiros
Efigénio da Luz Rebelo
João Albino da Silva
João Guerreiro
Paulo M.M. Rodrigues
Rui Nunes

FICHA TÉCNICA

Faculdade de Economia da Universidade do Algarve

Campus de Gambelas, 8005-139 Faro
Tel. 289817571 Fax. 289815937
E-mail: ccfeua@ualg.pt
Website: www.ualg.pt/feua

Título

Estudos I - Faculdade de Economia da Universidade do Algarve

Autor

Vários

Editor

Faculdade de Economia da Universidade do Algarve
Morada: Campus de Gambelas
Localidade: FARO
Código Postal: 8005-139

Compilação e Design Gráfico

Susy A. Rodrigues

Revisão de Formatação e Paginação

Lídia Rodrigues

Fotolitos e Impressão

Serviços Gráficos da Universidade do Algarve

ISBN

972-99397-0-5 - Data: 26.10.2004

Depósito Legal

218279/04

Tiragem

500 exemplares

Data

Novembro 2004

**RESERVADOS TODOS OS DIREITOS
REPRODUÇÃO PROIBIDA**

Inserção profissional dos licenciados em Economia e Gestão de Empresas pela Faculdade de Economia da Universidade do Algarve no período de 1999 a 2003

Carlos Joaquim Farias Cândido

Faculdade de Economia, Universidade do Algarve

Luís Miguel Serra Coelho

Faculdade de Economia, Universidade do Algarve

Rúben Miguel Torcato Peixinho

Faculdade de Economia, Universidade do Algarve

Renato Nuno Varanda Pereira

Faculdade de Economia, Universidade do Algarve

Resumo

O primeiro estudo realizado sobre a inserção profissional dos licenciados da Faculdade de Economia da Universidade do Algarve abrangeu os licenciados que concluíram o seu curso até 1998. Passados cinco anos sobre a realização desse estudo, tornava-se necessário realizar um outro, que abrangesse os restantes licenciados. Para colmatar essa necessidade, optou-se por uma metodologia semelhante à utilizada em 1998, essencialmente descritiva e baseada num inquérito pelo correio. Os dados obtidos permitem retirar conclusões relevantes para os actuais e futuros licenciados, bem como para a própria Faculdade de Economia. Em geral, as conclusões são muito positivas e sugerem que, apesar do contexto económico desfavorável dos últimos anos, a inserção profissional parece estar tão ou mais facilitada que no período até 1998.

Palavras-chave: Inserção profissional; Licenciados em Economia; Licenciados em Gestão de Empresas; Faculdade de Economia da Universidade do Algarve; Formação Pós-graduada.

Abstract

The first study on employability of the graduates by the Faculty of Economics of the University of Algarve has encompassed all those that have concluded their degrees until 1998. Five years after the first study, it became of the utmost importance to make a new study that would encompass the remaining graduates. In this context, a descriptive methodology, very similar to that of the first study, was adopted, based on a survey. The survey provides several relevant conclusions to the current and future graduates and to the Faculty of Economics. In general, these conclusions are very favourable and suggest that, in spite of the relatively unfavourable macroeconomic context, the level of employability is as good or better than in the period of the first study.

Keywords: Graduate employability; graduates in Economics; graduates in Management; Faculty of Economics, University of the Algarve; Post Graduate Education.

1. Introdução

A Faculdade de Economia da Universidade do Algarve (FEUALG) oferece actualmente três cursos de licenciatura: o curso de Gestão de Empresas, criado em 1983; o curso de Economia, criado em 1991; e o curso de Sociologia, criado em 2002.¹ Desde a criação destes cursos, a FEUALG já formou mais de 600 licenciados em Gestão de Empresas e mais de 400 licenciados em Economia, num total superior a 1000 diplomados. Não formou ainda nenhum licenciado em Sociologia, porque o curso tem apenas dois anos de funcionamento.

O considerável número de licenciados em Economia e em Gestão de Empresas constitui motivo de regozijo para a FEUALG e é, provavelmente, um bom indicador do seu sucesso. Mas, este número, já significativo, constitui também pretexto para a realização de um estudo sobre as condições de inserção profissional destes licenciados. De facto, interessa estudar a receptividade que têm merecido por parte das entidades empregadoras e o grau de satisfação que os próprios manifestam para com a sua colocação profissional. Alguns dos aspectos mais relevantes que interessará abordar num estudo desta natureza são as taxas de empregabilidade, o tempo médio de espera até à admissão no primeiro emprego, os tipos de vínculos contratuais, as oportunidades de promoção, o rendimento líquido auferido, a importância dos conhecimentos adquiridos durante o curso para o desempenho de funções, a influência da classificação final do curso no tempo de espera para o primeiro emprego, a formação ao longo da vida, entre outros.

A disponibilidade de informação sobre estes aspectos é essencial para delinear traços fundamentais do fenómeno da inserção profissional dos licenciados. É, também, indispensável para uma apreciação da relevância social dos cursos e da sua adequação às necessidades da Sociedade. Permite, ainda, evidenciar eventuais insuficiências e contribuir para apontar novos caminhos, sendo da máxima relevância para uma adequada gestão estratégica de uma instituição de ensino superior.

Neste entendimento, a Associação de Diplomados da Faculdade de Economia da Universidade do Algarve (ADIFE) realizou pela primeira vez na Universidade do Algarve um estudo sobre inserção profissional, o qual abrangeu todos os licenciados da FEUALG que concluíram o seu curso até 1998. Algumas das conclusões mais importantes desse estudo, realizado há cerca de cinco anos, foram as seguintes:

- o tempo médio de espera até à obtenção do primeiro emprego era inferior a 5 meses;
- cerca de 9% dos licenciados eram empresários ou profissionais liberais, 80% eram empregados por conta de outrem e cerca de 11% estavam à procura de emprego;
- o desemprego era associado a médias de final de curso relativamente baixas e aos recém licenciados;
- 45% dos licenciados com emprego pertenciam aos quadros das organizações onde trabalhavam e 31% possuíam contrato a termo certo;

¹ Para além destes cursos, a FEUALG oferece também outros cursos de Pós-graduação e de Mestrado. A inserção profissional dos diplomados destes cursos não é objecto de análise neste documento.

77% dos licenciados com actividade profissional auferiam um rendimento líquido mensal entre 500 e 1000 euros e 20% auferiam mais de 1000 euros; mais de 80% dos licenciados com actividade possuíam uma perspectiva média ou elevada de ascensão profissional; a maior parte dos licenciados consideravam a preparação universitária recebida como boa (35%) ou média (56%) (ALUCEE², 1999).

2. Objectivos do estudo

O objectivo principal deste artigo é fazer a análise das condições de inserção profissional dos licenciados em Economia e Gestão de Empresas pela FEUALG no período de 1999 a 2003. Far-se-á também uma análise da evolução da inserção profissional entre a data da conclusão do primeiro estudo e a deste último. Alguns dos objectivos específicos são os seguintes:

- estimar o tempo médio de espera até à obtenção do primeiro emprego, após a conclusão do curso;
- estimar a taxa de empregabilidade dos diplomados;
- determinar quais os tipos de vínculos contratuais em que assentam as relações com os empregadores;
- determinar quais as categorias de rendimentos líquidos mensais mais frequentes;
- determinar qual o grau de importância que os licenciados com emprego atribuem ao curso para o desempenho das suas funções;
- determinar o grau de satisfação dos licenciados com os seus empregos em termos de estabilidade, nível de remuneração, oportunidades de remuneração, autonomia de que dispõem e interesse geral das actividades desenvolvidas;
- determinar a percentagem de licenciados que continuou ou continua os seus estudos;
- identificar os tipos de cursos frequentados, após a conclusão da licenciatura;
- comparar a situação retratada pelo estudo de 1998 com a situação actual.

3. Metodologia

Tendo em conta a natureza dos objectivos, opta-se por um método descritivo operacionalizado através de inquérito. O método pode ser resumido em três grandes etapas:

² À data da realização do estudo, a FEUALG tinha ainda a denominação de Unidade de Ciências Económicas e Empresariais (UCEE) e a ADIFE tinha a denominação de Associação de Licenciados da Unidade de Ciências Económicas e Empresariais (ALUCEE).

3.1. Concepção do questionário

O questionário foi elaborado de forma a facilitar a resposta por parte dos inquiridos. Ocupa apenas uma página, com um total de nove questões, redigidas de forma clara e não enviesada. A primeira questão destina-se à caracterização dos inquiridos em termos do sexo, idade, curso, ano de conclusão do curso e nota média final. As restantes questões do inquérito destinam-se a satisfazer os objectivos específicos deste estudo, versando sobre diversos aspectos enunciados anteriormente no Ponto 2. O modelo do questionário concebido pode ser visualizado em Anexo.

3.2. Definição da população alvo e envio do questionário

A população alvo do inquérito é constituída pelos 402 diplomados em Economia e Gestão de Empresas da FEUALG que concluíram o seu curso entre 1999 e 2003. O questionário foi enviado, em Dezembro de 2003, a todos os diplomados desta população, que se encontravam na base de dados da ADIFE. Foram, também, enviados uma carta de introdução, que explicava a finalidade do inquérito, e um envelope de resposta sem franquia (RSF), para facilitar o reenvio do questionário preenchido.

3.3. Tratamento dos dados

Os dados recolhidos foram codificados, inseridos no computador e tratados com o programa estatístico SPSS através do uso de técnicas de estatística descritiva. Foi efectuada uma análise questão a questão, complementada por alguns cruzamentos de variáveis. Sempre que possível, foram efectuadas comparações com as conclusões do estudo anteriormente realizado pela ADIFE.

4. Representatividade e caracterização da amostra

Até ao início de Janeiro de 2004 recebeu-se 135 questionários preenchidos. As 135 respostas obtidas configuram uma amostra de tamanho razoável e correspondem a uma taxa de resposta também bastante apreciável (33,6%).

Ambos os cursos estão representados na amostra com 91 respostas de licenciados em Economia e 44 de Gestão de Empresas. Porém, conforme se constata por estes números e pelos da Tabela 1, existe um certo desequilíbrio em favor de Economia, uma vez que a taxa de resposta deste curso (41,6%) é muito superior à taxa de resposta do outro (24,0%). Simultaneamente, a Tabela sugere também um certo desequilíbrio em favor dos últimos anos, pois as taxas de resposta crescem à medida que nos aproximamos de 2003. Para uma boa representatividade da amostra seria desejável que as percentagens da Tabela fossem todas relativamente elevadas e próximas entre si. Assim, apesar de serem quase todas razoáveis, são distintas, indicando que a representatividade não estará em perigo mas que não deve ser perfeita.

Tabela 1: Taxas de resposta segundo o curso por ano de conclusão

	1999	2000	2001	2002	2003	TOTAL
Economia	25,0%	31,1%	50,0%	56,8%	58,1%	41,6%
Gestão de Empresas	25,5%	11,1%	28,3%	17,4%	47,1%	24,0%
TOTAL	25,2%	23,6%	39,1%	34,9%	54,2%	33,6%

Para além da dimensão da amostra e das taxas de resposta, que fornecem importantes indicadores de representatividade, importa também fazer uma caracterização com base noutras variáveis.

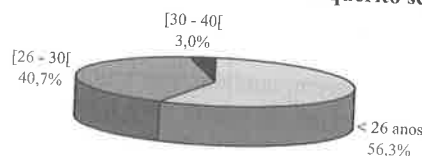
A análise da Figura 1 permite concluir que a percentagem de licenciados do sexo feminino que responderam ao inquérito (57,8%) é superior à do sexo masculino (42,2%), situação já anteriormente verificada no estudo realizado em 1998.

Figura 1: Licenciados que responderam ao inquérito segundo o sexo



A Figura 2 permite avaliar a distribuição das idades dos licenciados que responderam ao inquérito. Poder-se-á concluir que a maioria (56,3%) dos licenciados que respondem ao inquérito têm menos de 26 anos e que a quase totalidade (97,0%) têm idade inferior a 30 anos.

Figura 2: Licenciados que responderam ao inquérito segundo a idade



Relativamente às médias de fim de curso, a Tabela 2 permite concluir que a grande maioria dos licenciados (82,2%) que responderam ao inquérito terminaram o seu curso com uma classificação final inferior a 14 valores.

Tabela 2: Licenciados que responderam ao inquérito segundo a média por curso

Médias	Economia		Gestão de Empresas		TOTAL
10 val.	-	81,3%	-	84,1%	-
11 val.	9,9%		4,5%		8,1%
12 val.	38,5%		50,0%		42,2%
13 val.	33,0%		29,5%		31,9%
14 val.	9,9%	18,7%	11,4%	15,9%	10,4%
15 val.	5,5%		4,5%		5,2%
16 val.	2,2%		0,0%		1,5%
> 16 val.	1,1%		0,0%		0,7%
Classif. Média	12,7 val.		12,6 val.		12,7 val.
Desvio Padrão	1,2 val.		0,9 val.		1,1 val.

A média final de curso dos licenciados que responderam ao inquérito situa-se nos 12,7 valores, sendo o desvio padrão de 1,1 valores, o que denota uma grande semelhança com o inquérito efectuado no final de 1998 aos licenciados da FEUALG (12,8 valores de classificação média final com um desvio padrão de 1,1 valores). Da comparação com os resultados do referido inquérito, conclui-se que apesar da classificação média estar muito próxima, a percentagem de licenciados com média superior a 14 valores diminuiu significativamente (17,8% contra 25% registado no inquérito de 1998).

As duas últimas linhas da Tabela 2 permitem concluir que as médias finais do curso de Economia (12,7) e de Gestão de Empresas (12,6) são praticamente iguais, verificando-se todavia uma variabilidade ligeiramente maior nas classificações do curso de Economia. Esta maior variabilidade resulta da existência de mais licenciados em Economia com notas finais de 11 valores e de licenciados com 16 valores e mais de 16, inexistentes em Gestão de Empresas.

5. Resultados

5.1. Tempo médio de espera até à obtenção do primeiro emprego

De acordo com a Tabela 3, o tempo médio de espera até à obtenção do primeiro emprego é aproximadamente 2,6 meses, cerca de metade do tempo médio calculado para a amostra do estudo de 1998. A redução significativa do tempo médio de espera ficou a dever-se a quebra significativa dos tempos médios da generalidade dos licenciados, com excepção dos que obtiveram notas superiores a 14 valores, cujo tempo médio praticamente se manteve.

Os dados da Tabela sugerem, também, que a nota final de curso continua a ser uma variável explicativa do tempo de espera para a obtenção do primeiro emprego. Com efeito, tal como no estudo anterior, os maiores tempos de espera aparecem associados a licenciados com notas mais baixas. Concretamente, o tempo de espera dos licenciados com 11 valores é de 3,5 meses, mas o tempo médio desce até aos 1,7 meses registado pelos licenciados com mais de 14 valores. No estudo de 1998, os tempos médios evoluíam no mesmo sentido, mas dos 6,8 para os 1,6 meses.

Tabela 3: Tempo de espera até à obtenção do primeiro emprego por nota de fim de curso

	11 val.	12 val.	13 val.	14 val.	≥15 val.	TOTAL
Antes da conclusão do curso	27,3%	31,6%	11,6%	14,3%	50,0%	24,4%
Até 1 mês	18,2%	14,0%	37,2%	35,7%	20,0%	24,4%
Entre 1 e 6 meses	36,4%	43,9%	39,5%	50,0%	20,0%	40,7%
Entre 6 e 12 meses	9,1%	8,8%	9,3%	0,0%	10,0%	8,1%
Mais de 12 meses	9,1%	1,8%	2,3%	0,0%	0,0%	2,2%
TOTAL	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
Tempo médio de espera (meses)	3,5	2,7	2,8	1,9	1,7	2,6
Desvio padrão (meses)	4,7	3,1	3,2	1,6	2,9	3,1

Relativamente ao tempo médio de espera por curso e por sexo, verifica-se um tempo médio inferior para os licenciados do curso de Gestão de Empresas (2,3 meses

contra 2,8 dos de Economia) e para os licenciados do sexo masculino (2,4 meses contra 2,8 dos de sexo feminino).

As diferenças observadas nos tempos médios por sexo são influenciadas por dois factores de sentido contrário: por um lado, existem mais licenciados do sexo masculino que se empregam antes da conclusão do curso (28,1%) do que do sexo feminino (21,8%); e, por outro lado, existem mais licenciados do sexo masculino que esperam mais de 1 mês até encontrar emprego (54,4%) do que do sexo feminino (48,7%).

5.2. Taxa de empregabilidade dos licenciados

A situação actual dos licenciados perante o emprego pode ser analisada através da Tabela 4. Esta Tabela permite concluir que cerca de 11,2% dos licenciados procuram emprego; taxa bastante semelhante à registada em 1998, quando 11% dos licenciados também estavam desempregados. No entanto, se excluirmos da análise os licenciados que terminaram o curso em 2003, dos quais muitos estão ainda à procura do primeiro emprego, verifica-se uma redução da taxa para 9,1%. Grosso modo, as taxas de desemprego da tabela diminuem à medida que recuamos no ano de conclusão do curso, sendo de dois dígitos para os três anos mais recentes e de um dígito para os dois anos mais recuados. Dos licenciados que terminaram os seus cursos antes de 2001, apenas 6,8% estão actualmente à procura de emprego, subindo essa percentagem para 13,3% nos outros anos.

Tabela 4: Situação actual perante o emprego por ano de conclusão do curso

	1999	2000	2001	2002	2003	TOTAL
Está Empregado	92,6%	94,1%	88,9%	89,3%	80,8%	88,8%
Procura Emprego	7,4%	5,9%	11,1%	10,7%	19,2%	11,2%
TOTAL	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Nota: A Tabela foi obtida com base em 134 respostas, sendo a diferença para o total de 135 respostas de um licenciado que se encontra desempregado, mas que não está à procura de emprego.

A análise mais pormenorizada dos licenciados que se encontram à procura de emprego, permitiu retirar algumas conclusões importantes. Analisando os licenciados à procura de emprego por curso e por sexo, foi possível verificar que todos os licenciados da amostra que procuram emprego (num total de 15) são licenciados em Economia e que existe uma maior percentagem de licenciados do sexo feminino à procura de emprego (12,8% contra 8,8% do sexo masculino).

Por fim, importa referir que os dados sugerem a existência de uma maior taxa de desemprego entre os licenciados com médias finais de curso mais baixas. De facto, cerca de 11,7% dos licenciados que terminaram o curso com média inferior a 14 valores estão à procura de emprego, sendo essa mesma percentagem de 8,3% para os restantes licenciados.

5.3. Tipos de vínculos contratuais

Dos 119 licenciados da amostra que se encontram a trabalhar, 38,7% pertencem aos quadros das respectivas entidades empregadoras e 30,2% têm contrato a termo certo. Boa parte destes últimos possui uma agradável expectativa de renovação garantida do seu contrato. Existem ainda 16,7% de licenciados a realizar estágio profissional, quase todos diplomados em 2002 ou 2003, e percentagens mais pequenas de licenciados a trabalhar em regime de recibo verde ou noutras situações.

Os dados da Tabela 5 sugerem que o tipo de vínculo contratual dos licenciados depende do ano de conclusão do curso. À semelhança do ocorrido no estudo realizado em 1998, verifica-se que à medida que recuamos no ano de conclusão da licenciatura, a percentagem de licenciados pertencentes aos quadros aumenta. Com efeito, 84,0% dos licenciados de 1999 que trabalham pertencem aos quadros das respectivas instituições, enquanto que apenas 14,5% dos diplomados de 2003 se encontram nesta situação.

Tabela 5: Distribuição da estabilidade contratual por ano de conclusão do curso

	1999	2000	2001	2002	2003	TOTAL
Quadro	84,0%	12,5%	43,8%	24,0%	14,3%	38,7%
Contrato com renovação garantida	0,0%	31,3%	15,6%	16,0%	9,5%	13,4%
Contrato a termo certo	12,0%	25,0%	21,9%	20,0%	4,8%	16,8%
Recibo verde	0,0%	18,8%	9,4%	4,0%	9,5%	7,6%
Estágio profissional	0,0%	0,0%	3,1%	36,0%	47,6%	16,8%
Outra	4,0%	12,5%	6,3%	0,0%	14,3%	6,7%
TOTAL	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Nota: Parte dos licenciados com contrato a termo têm uma expectativa de renovação garantida dos seus contratos.

A análise do tipo de vínculo contratual por curso e por sexo permite concluir que a percentagem de licenciados do curso de Gestão de Empresas pertencente aos quadros (48,8%) é superior à do curso de Economia (32,9%) e que a percentagem de licenciados do sexo feminino pertencente aos quadros (43,3%) é superior à dos licenciados do sexo masculino (32,7%).

5.4. Rendimento líquido mensal

A maioria dos licenciados (65,3%) dispõe de um rendimento líquido mensal entre os 500 e os 1000 euros, mas regista-se uma percentagem significativa de licenciados com rendimentos líquidos superiores aos 1000 euros (26,2%), sendo relativamente reduzida a percentagem de licenciados com rendimentos inferiores a 500 euros. O rendimento médio estimado é aproximadamente de 900 euros, e o desvio padrão de 350 euros.

Pode concluir-se, ainda, que os rendimentos líquidos mensais estão associados ao ano de conclusão do curso. Quanto mais recente a conclusão do curso, menores os rendimentos. A título ilustrativo, destaque-se que relativamente aos licenciados em 1999 e 2000, cerca de 50% auferem rendimentos iguais ou superiores a 1000 euros, ao passo que, no outro extremo, cerca de 90% dos licenciados em 2002 e 2003 auferem rendimentos inferiores a 1000 euros.

Tabela 6: Distribuição do rendimento mensal líquido por ano de conclusão do curso

	1999	2000	2001	2002	2003	TOTAL
< 500 €	0,0%	6,3%	9,4%	8,0%	20,0%	8,5%
[500 € - 1000 €[52,0%	43,8%	71,9%	80,0%	70,0%	65,3%
[1000 € - 1500 €[36,0%	25,0%	12,5%	12,0%	0,0%	16,9%
≥ 1500 €	12,0%	25,0%	6,3%	0,0%	10,0%	9,3%
TOTAL	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Uma outra variável que parece estar correlacionada com o rendimento líquido mensal auferido é a nota média de conclusão da licenciatura. De facto, a percentagem de licenciados com média superior a 14 valores que auferem rendimentos líquidos mensais iguais ou superiores a 1000 euros (55,6%) é mais do dobro da percentagem de licenciados com média igual ou inferior a 14 valores que auferem este nível de rendimentos (23,9%). Noutros termos, uma média superior a 14 valores mais do que duplica a probabilidade de obter rendimentos superiores a 1000 euros.

À semelhança das conclusões do estudo de 1998, são os licenciados do sexo masculino que revelam auferir rendimentos mais altos. De facto, há mais licenciados do sexo masculino (38,5%) a auferir rendimentos líquidos mensais acima dos 1000 euros, do que do sexo feminino (16,7%). Esta disparidade pode também observar-se através da análise dos rendimentos médios por sexo. O rendimento médio dos licenciados do sexo masculino é 997 euros mensais e o rendimento médio do sexo feminino é 822 euros mensais, registando estes valores uma diferença de 175 euros (21,3%).

Os dados revelam também que existe uma maior percentagem de licenciados em Economia com rendimentos líquidos mensais superiores a 1000 euros (29,4% contra 21,0% dos licenciados em Gestão de Empresas). O rendimento médio dos licenciados em Economia é 929 euros mensais e o rendimento médio dos de Gestão de Empresas é 852 euros, registando estes valores uma diferença de 77 euros (9,2%).

Importa ainda referir que 45,2% dos licenciados que auferem rendimentos líquidos superiores a 1000 euros pertencem aos quadros das respectivas entidades empregadoras.

5.5. Grau de importância do curso para o desempenho de funções

Conforme os dados da Tabela 7, a maioria dos licenciados (84,5%) considera o curso importante ou muito importante para o desempenho das suas funções profissionais.

alhar, 38,7% pertencem
% têm contrato a termo
pectativa de renovação
ados a realizar estágio
entagens mais pequenas
s situações.

ntatual dos licenciados
rido no estudo realizado
nclusão da licenciatura,
nta. Com efeito, 84,0%
quadros das respectivas
2003 se encontram nesta

conclusão do curso

2003	TOTAL
14,3%	38,7%
9,5%	13,4%
4,8%	16,8%
9,5%	7,6%
47,6%	16,8%
14,3%	6,7%
100,0%	100,0%

ovação garantida dos seus

permite concluir que a
pertencente aos quadros
que a percentagem de
(3%) é superior à dos

imento líquido mensal
tagem significativa de
euros (26,2%), sendo
mentos inferiores a 500
900 euros, e o desvio

ensais estão associados
o do curso, menores os
nte aos licenciados em
riores a 1000 euros, ao
n 2002 e 2003 auferem

Tabela 7: Grau de importância do curso para o desempenho das funções por sexo

	Masculino	Feminino	TOTAL
Pouco importante	17,6%	13,8%	15,5%
Importante	37,3%	63,1%	51,7%
Muito importante	45,1%	23,1%	32,8%
TOTAL	100,0%	100,0%	100,0%

A este respeito, os dados sugerem que não se verificam diferenças assinaláveis entre cursos. No entanto, a análise por sexo permite verificar que existe uma diferença significativa. A percentagem de licenciados do sexo masculino que consideram o curso como muito importante para o desempenho das suas funções (45,1%) é mais do dobro da percentagem de licenciados do sexo feminino (23,1%).

5.6. Análise da satisfação com a principal actividade profissional

5.6.1. Satisfação com a estabilidade no emprego

A Tabela 8 revela que 83,0% de todos os licenciados que responderam a esta pergunta estão satisfeitos ou muito satisfeitos com a estabilidade no seu emprego. Numa análise por ano de conclusão de curso, observam-se percentagens assinaláveis de licenciados muito satisfeitos, próximas de 40%, nos anos de 1999 e 2000. Essas percentagens descem sistematicamente ao longo dos anos até atingir 5,0%, em 2003. Nesse ano, 80,0% dos licenciados afirmam estar satisfeitos com a estabilidade, sendo a percentagem de insatisfeitos (15,0%) a maior dos cinco anos analisados.

Tabela 8: Grau de satisfação com a estabilidade por ano de conclusão do curso

	1999	2000	2001	2002	2003	TOTAL
Insatisfeito	0,0%	12,5%	0,0%	0,0%	15,0%	4,2%
Pouco satisfeito	4,0%	37,5%	15,6%	12,0%	0,0%	12,7%
Satisfeito	56,0%	12,5%	56,3%	64,0%	80,0%	55,9%
Muito satisfeito	40,0%	37,5%	25,1%	24,0%	5,0%	27,1%
TOTAL	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Numa análise por curso, observa-se que a percentagem de licenciados em Economia que estão muito satisfeitos (30,7%) é superior à dos licenciados em Gestão de Empresas (20,9%). Quanto à análise por sexo, constata-se que a percentagem de licenciados do sexo feminino que estão satisfeitos ou muito satisfeitos (84,9%) é superior à dos licenciados do sexo masculino (80,7%).

5.6.2. Satisfação com o nível de remuneração

O grau de satisfação com a remuneração não é tão elevado como o grau de satisfação observado no início do Ponto anterior. Porém, a maioria dos licenciados (66,1%) revela-se satisfeita ou muito satisfeita com o seu rendimento.

A análise da Tabela 9 sugere, como seria de esperar, que o nível de rendimentos explica o grau de satisfação dos inquiridos. De facto, no escalão de rendimentos

inferiores a 500 euros temos 60% de respondentes insatisfeitos ou pouco satisfeitos; no escalão seguinte temos 92,2% de licenciados pouco satisfeitos ou satisfeitos; no terceiro escalão são 90% os satisfeitos ou muito satisfeitos e no último escalão essa percentagem é de 100%.

Tabela 9: Grau de satisfação relativo à remuneração por nível de rendimento líquido

	< 500 €	[500 € - 1000 €]	[1000 € - 1500 €]	≥ 1500 €	TOTAL
Insatisfeito	20,0%	3,9%	5,0%	0,0%	5,1%
Pouco satisfeito	40,0%	37,7%	5,0%	0,0%	28,8%
Satisfeito	40,0%	54,5%	70,0%	72,7%	57,6%
Muito satisfeito	0,0%	3,9%	20,0%	27,3%	8,5%
TOTAL	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Os dados revelam ainda que 70,7% dos licenciados em Economia estão satisfeitos ou muito satisfeitos com a sua remuneração, sendo essa percentagem de 58,1% entre os licenciados em Gestão de Empresas. A diferença encontrada pode ser eventualmente explicada pelo facto de existir uma maior percentagem de licenciados em Economia com rendimentos líquidos mensais iguais ou superiores a 1000 euros (29,4% de Economia contra 21,0% de Gestão de Empresas).

A diferença encontrada entre os sexos é muito menor. Cerca de 68,2% dos licenciados do sexo feminino estão satisfeitos ou muito satisfeitos com a sua remuneração actual, sendo essa percentagem de 63,4% entre os licenciados do sexo masculino. A pequena diferença encontrada não pode ser explicada por uma argumentação semelhante à do parágrafo anterior, pois, a percentagem de licenciados do sexo feminino que auferem rendimentos líquidos mensais superiores a 1000 euros (16,6%) é muito inferior à percentagem de licenciados do sexo masculino (38,5%). Estes resultados sugerem então que as expectativas de rendimentos dos licenciados do sexo masculino poderão ser superiores às dos licenciados do sexo feminino.

5.6.3. Satisfação com as oportunidades de promoção

A Tabela 10 permite constatar que a maior parte dos inquiridos afirma estar satisfeita ou muito satisfeita com as oportunidades de promoção que lhes são oferecidas pela principal actividade profissional (60,1%).

A Tabela parece evidenciar, também, uma relação entre o grau de satisfação com as oportunidades de promoção e o rendimento líquido mensal. Efectivamente, o nível de satisfação que regista maior percentagem de respostas passa de "satisfeito" para "muito satisfeito" à medida que se evolui da classe de rendimento mais baixa para a classe de rendimento mais elevada. Concretamente, nas duas classes de rendimento mais baixas (inferior a 1000 euros) a maioria dos inquiridos afirma estar satisfeita com as suas oportunidades de promoção, ao passo que praticamente a maioria dos inquiridos que se encontra nas duas classes de rendimento mais elevadas (superior a 1000 euros) afirma estar muito satisfeita. Esta informação sugere que é entre os licenciados que auferem maiores rendimentos que se podem encontrar as maiores expectativas de promoção.

Tabela 10: Satisfação com as oportunidades de promoção por nível de rendimento líquido

	< 500 €	[500 € - 1000 €[[1000 € - 1500 €[≥ 1500 €	TOTAL
Insatisfeito	0,0%	11,7%	15,0%	9,1%	11,0%
Pouco satisfeito	20,0%	35,1%	20,0%	9,1%	28,8%
Satisfeito	70,0%	45,5%	25,0%	36,4%	43,2%
Muito satisfeito	10,0%	7,8%	40,0%	45,5%	16,9%
TOTAL	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Por outro lado, os dados sugerem que não existem grandes diferenças entre cursos no respeitante à satisfação com as oportunidades de promoção. No entanto, numa outra perspectiva de análise, os dados permitem verificar que os licenciados do sexo masculino estão mais otimistas relativamente às suas oportunidades de promoção do que os licenciados do sexo feminino. De facto, 65,4% dos licenciados do sexo masculino responderam estar satisfeitos ou muito satisfeitos com as oportunidades de promoção, enquanto essa percentagem é de 56,1% para os licenciados do sexo feminino.

5.6.4. Satisfação com a autonomia no desempenho das funções profissionais

A Tabela 11 permite verificar que não existem licenciados insatisfeitos com a sua autonomia e que 84,7% dos respondentes revelam mesmo estar satisfeitos ou muito satisfeitos nesta matéria.

Tabela 11: Grau de satisfação com a autonomia por ano de conclusão do curso

	1999	2000	2001	2002	2003	TOTAL
Insatisfeito	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Pouco satisfeito	4,0%	12,5%	12,5%	24,0%	25,0%	15,3%
Satisfeito	60,0%	37,5%	43,8%	44,0%	55,0%	48,3%
Muito satisfeito	36,0%	50,0%	43,8%	32,0%	20,0%	36,4%
TOTAL	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

É possível verificar que os licenciados que terminaram os seus cursos há mais tempo parecem estar mais satisfeitos com a autonomia de que dispõem. No entanto, mesmo para os licenciados que terminaram os cursos no ano de 2003, o nível de satisfação apresentado é elevado; 75% dos mesmos estão satisfeitos ou muito satisfeitos.

Por fim, é de referir que não se notam diferenças dignas de realce entre sexos, entre cursos e entre licenciados com notas finais distintas.

5.6.5. Satisfação com o interesse da principal actividade profissional

Os dados da Tabela 12 revelam que, na sua grande maioria, os licenciados que trabalham estão satisfeitos ou muito satisfeitos com o interesse da sua principal actividade profissional (87,3%), sendo ainda de destacar que apenas 2,5% afirmam estar insatisfeitos.

de rendimento líquido

< 500 €	TOTAL
0,1%	11,0%
0,1%	28,8%
6,4%	43,2%
5,5%	16,9%
100,0%	100,0%

grandes diferenças entre promoção. No entanto, que os licenciados do suas oportunidades de 4,4% dos licenciados do satisfeitos com as é de 56,1% para os

es profissionais

dos insatisfeitos com a no estar satisfeitos ou

conclusão do curso

2003	TOTAL
0,0%	0,0%
25,0%	15,3%
55,0%	48,3%
20,0%	36,4%
100,0%	100,0%

os seus cursos há mais dispõem. No entanto, o de 2003, o nível de satisfeitos ou muito

de realce entre sexos,

issional

ria, os licenciados que esse da sua principal apenas 2,5% afirmam

Tabela 12: Satisfação com o interesse da actividade profissional por nível de rendimento

	< 500 €	[500 € - 1000 €[[1000 € - 1500 €[≥ 1500 €	TOTAL
Insatisfeito	0,0%	3,9%	0,0%	0,0%	2,5%
Pouco satisfeito	0,0%	14,3%	5,0%	0,0%	10,2%
Satisfeito	40,0%	53,2%	30,0%	27,3%	45,8%
Muito satisfeito	60,0%	28,6%	65,0%	72,7%	41,5%
TOTAL	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Tendo por base as respostas obtidas, verificou-se que a percentagem de licenciados que auferem rendimentos líquidos mensais iguais ou superiores a 1000 euros e que afirmam estar satisfeitos ou muito satisfeitos com o interesse da sua actividade profissional (96,8%) é superior à percentagem de licenciados que auferem menos de 1000 euros e que manifestam o mesmo grau de satisfação (83,9%). Portanto, o trabalho melhor remunerado parece ser também mais aliciante.

Por fim, importa ainda referir que os dados sugerem a não existência de grandes diferenças no tocante ao grau de satisfação com o interesse da actividade profissional por sexo, curso e nota de fim de curso.

5.7. Formação após a conclusão da licenciatura

O inquérito efectuado permitiu a recolha de dados sobre a realização de formação complementar pelos diplomados da FEUALG, após a conclusão da licenciatura. As tabelas seguintes ajudam a compreender em que medida a ideia de "formação contínua" é posta em prática pelos licenciados da amostra.

Tabela 13: Frequência de formação complementar por curso de formação inicial

	Economia	Gestão de Empresas	TOTAL
Frequenta(ou) formação	72,2%	61,4%	68,7%
Não frequenta(ou) formação	27,8%	38,6%	31,3%
TOTAL	100,0%	100,0%	100,0%

A análise dos dados da Tabela 13 permite verificar que mais de dois terços (68,7%) dos licenciados que responderam ao inquérito afirmam ter recebido ou estar a receber formação adicional. Esta proporção poderá ser considerada elevada, na medida em que decorreram, no máximo, cinco anos após o termo da licenciatura dos inquiridos.

A informação disponível na Tabela 13 permite concluir, também, que são os alunos de Economia que mais procuram realizar formação adicional (72,2% contra 61,4% de Gestão de Empresas).

A Tabela 14 permite efectuar uma análise semelhante à anterior, mas em função do sexo do licenciado. É possível concluir que são os licenciados do sexo masculino que mais procuram este tipo de complemento ao curso de licenciatura base de que são titulares (73,2% contra 65,4% do sexo feminino).

Tabela 14: Frequência de formação complementar por sexo

	Masculino	Feminino	TOTAL
Frequenta(ou) formação	73,2%	65,4%	68,7%
Não frequenta(ou) formação	26,8%	34,6%	31,3%
TOTAL	100,0%	100,0%	100,0%

A Tabela seguinte aprofunda a análise em termos da situação face ao emprego.

Tabela 15: Frequência de formação complementar por situação face ao emprego

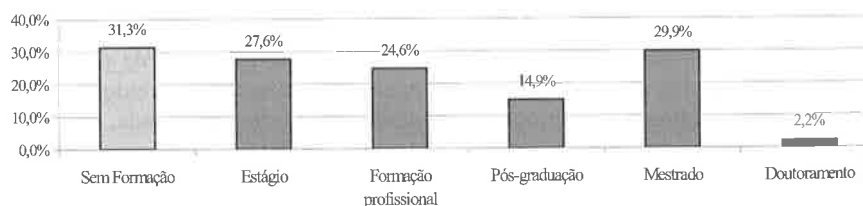
	Tem Emprego	Não tem Emprego	TOTAL
Frequenta(ou) formação	69,5%	62,5%	68,7%
Não frequenta(ou) formação	30,5%	37,5%	31,3%
TOTAL	100,0%	100,0%	100,0%

A Tabela 15 evidencia uma percentagem de licenciados com emprego que frequenta ou frequentou formação adicional (69,5%) ligeiramente superior à correspondente percentagem de licenciados sem emprego (62,5%).

Da análise destas três tabelas, podemos concluir que o tipo de curso de licenciatura, o sexo e a situação face ao emprego poderão ter um impacto sobre a decisão de realizar formação complementar. Embora esses impactos sejam relativamente pequenos, o tipo de curso de licenciatura parece ter um impacto maior do que o sexo ou a situação face ao emprego.

5.7.1. Tipos de formação

A Figura 3 resume os dados recolhidos sobre os tipos de formação frequentados pelos diplomados da FEUALG, após a conclusão da sua licenciatura.

Figura 3: Tipos de formação frequentados pelos diplomados da FEUALG, após a conclusão da sua licenciatura

Nota: as percentagens do gráfico totalizam mais do que 100%, porque alguns licenciados realizam mais do que um tipo de formação.

A leitura do gráfico mostra que aproximadamente um quarto dos licenciados (27,6%) realiza um estágio imediatamente após a conclusão da sua licenciatura. Existe uma percentagem muito próxima desta de licenciados que optam por realizar cursos de formação profissional (24,6%), sendo as Pós-graduações uma opção para cerca de 14,9% dos licenciados. No entanto, o curso mais frequentemente escolhido é o de Mestrado (29,9%), o que se poderá justificar pelo facto de conferir um grau académico apreciado pelas entidades empregadoras. Por fim, e apesar da amostra ser constituída

por sexo

TOTAL
68,7%
31,3%
100,0%

ção face ao emprego.

face ao emprego

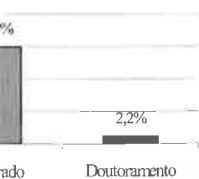
TOTAL
68,7%
31,3%
100,0%

os com emprego que irammente superior à).

o tipo de curso de um impacto sobre a eses impactos sejam em um impacto maior

ormação frequentados ura.

ALG, após a conclusão



ciados realizam mais do que

uarto dos licenciados ua licenciatura. Existe por realizar cursos de opção para cerca de ente escolhido é o de ir um grau académico mostra ser constituída

apenas por licenciados que finalizaram os seus cursos nos últimos cinco anos, verifica-se que alguns já se encontram a frequentar programas de Doutoramento.

Em média, os diplomados que decidiram realizar formação após a conclusão da sua licenciatura frequentam 1,45 tipos diferentes de acções de formação. Se considerarmos todos os diplomados da amostra, a média calculada é de 0,99 acções por diplomado.

As especificidades inerentes a cada um dos tipos de formação complementar abordados torna prudente a realização de uma análise mais detalhada, pelo que se dedica, a seguir, uma pequena secção a cada um desses tipos.

5.7.2. Estágio profissional

A Tabela 16 permite observar que a taxa de realização de estágio profissional apresenta alguma variabilidade, conforme o ano, oscilando entre o mínimo de 22,2%, registado em 2001, e o máximo de 34,5%, observado em 2002.

Tabela 16: Frequência de Estágio Profissional por ano de conclusão do curso

	1999	2000	2001	2002	2003	TOTAL
Frequenta(ou) Estágio	30,8%	23,5%	22,2%	34,5%	26,9%	27,6%
Não frequenta(ou) Estágio	69,2%	76,5%	77,8%	65,5%	73,1%	72,4%
TOTAL	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Numa análise por curso, verifica-se que a percentagem de licenciados em Economia que realizam estágio profissional é de 29%, sendo a mesma de 23% para o curso de Gestão de Empresas. Por outro lado, a análise realizada em função do sexo do licenciado mostra que 29% dos licenciados do sexo feminino recorrem a um estágio profissional, sendo 25% a percentagem correspondente do sexo masculino. Por fim, os licenciados que terminaram as suas licenciaturas com média igual ou inferior a 14 valores recorrem mais à realização de estágio profissional (28,6%) do que os restantes (22,2%).

5.7.3. Cursos de Formação Profissional

A Tabela 17 sugere que há mais licenciados em Economia a frequentar cursos de formação profissional (32,2%) do que licenciados em Gestão de Empresas (9,1%).

Tabela 17: Frequência de Formação Profissional por curso de licenciatura

	Economia	Gestão de Empresas	TOTAL
Frequenta(ou) formação	32,2%	9,1%	24,6%
Não frequenta(ou) formação	67,8%	90,9%	75,4%
TOTAL	100,0%	100,0%	100,0%

A análise da frequência de formação profissional, por ano de conclusão da licenciatura, permite concluir que a percentagem de diplomados entre 1999 e 2001 que frequentam ou frequentaram formação profissional (32,9%) é superior à correspondente percentagem de diplomados que terminaram o curso após 2001 (12,7%). Esta é uma diferença que se explica, em parte, pelo número de anos que passaram sobre a conclusão das respectivas licenciaturas. De salientar que não existem

diferenças percentuais significativas entre sexos no respeitante à frequência de cursos de formação profissional.

5.7.4. Pós-graduações

A Tabela 18 permite recordar que cerca de 10% do total de licenciados inquiridos já frequentaram ou estão actualmente a frequentar pós-graduações. Importa frisar, no entanto, que há uma maior percentagem de licenciados com notas de curso inferiores a 15 valores a frequentar pós-graduações (15,3%) do que licenciados com notas iguais ou acima dos 15 valores (10,0%).

Tabela 18: Frequência de Pós-graduações por nota de curso de licenciatura

	11 val.	12 val.	13 val.	14 val.	≥15 val.	TOTAL
Frequenta(ou) Pós-Graduação	9,1%	12,5%	20,9%	14,3%	10,0%	14,9%
Não frequenta(ou) Pós-Graduação	90,9%	87,5%	79,1%	85,7%	90,0%	85,1%
TOTAL	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Cerca de 15,4% dos licenciados com emprego já frequentaram ou frequentam actualmente um curso de Pós-graduação (Tabela 19). Os dados da mesma Tabela sugerem ainda que à medida que o rendimento líquido aumenta, aumenta também a percentagem de licenciados que frequenta este tipo de curso. De facto, apenas 10,5% dos licenciados das duas classes de rendimentos mais baixas (inferiores a 1000 euros) frequentam ou frequentaram pós-graduações, sendo essa percentagem de 29% para os restantes licenciados.

Tabela 19: Frequência de Pós-graduações por rendimento líquido mensal

	< 500 €	[500 € - 1000 €[[1000 € - 1500 €[≥ 1500 €	TOTAL
Frequenta(ou) Pós-Graduação	0,0%	11,8%	30,0%	27,3%	15,4%
Não frequenta(ou) Pós-Graduação	100,0%	88,2%	70,0%	72,7%	84,6%
TOTAL	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Uma análise mais fina dos dados permitiu ainda concluir que é entre os licenciados insatisfeitos ou pouco satisfeitos com as oportunidades de promoção que se regista uma maior percentagem de frequência de cursos desta natureza (17,0% contra 14,3% dos satisfeitos ou muito satisfeitos).

Para finalizar refira-se que 16,0% dos licenciados em Gestão de Empresas optaram por fazer cursos desta natureza, sendo esta percentagem de 13,0% para os licenciados em Economia. A análise mostra ainda que 12,2% dos licenciados do sexo masculino optaram por frequentar um curso de pós-graduação, sendo essa percentagem de 16,0% no caso dos licenciados do sexo feminino.

5.7.5. Mestrado

O Mestrado é o tipo de curso mais procurado pelos licenciados da FEUALG. A Tabela 20 recorda que cerca de 30% do total dos inquiridos já frequentaram ou encontram-se actualmente a frequentar um destes cursos.

A Tabela 20 permite verificar também a existência de uma relação entre a nota final de licenciatura e a inscrição em cursos de mestrado. De facto, à medida que aumenta a média final da licenciatura, aumenta a percentagem de licenciados que afirma ter frequentado ou estar a frequentar mestrado. Neste contexto, importa salientar que a percentagem de licenciados com média superior a 14 valores que frequentam(ou) mestrado é muito alta (70,0%) e é quase o triplo da taxa dos restantes licenciados (26,6%).

Tabela 20: Frequência de Mestrado por nota final de curso de licenciatura

	11 val.	12 val.	13 val.	14 val.	≥15 val.	TOTAL
Frequenta(ou) Mestrado	0,0%	25,0%	30,2%	42,9%	70,0%	29,9%
Não frequenta(ou) Mestrado	100,0%	75,0%	69,8%	57,1%	30,0%	70,1%
TOTAL	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

A Tabela 21 permite concluir que quanto mais distante o ano de conclusão da licenciatura, maior a percentagem de licenciados que frequenta(ou) cursos de mestrado³. De facto, a percentagem de licenciados que finalizaram as suas licenciaturas entre 1999 e 2001 e que frequenta(ou) este tipo de curso (34,2%) é superior à dos restantes licenciados (23,6%).

Tabela 21: Frequência de Mestrado por ano de conclusão do curso de licenciatura

	1999	2000	2001	2002	2003	TOTAL
Frequenta(ou) Mestrado	62,5%	54,5%	30,6%	24,1%	23,1%	29,9%
Não frequenta(ou) Mestrado	61,5%	64,7%	69,4%	75,9%	76,9%	70,1%
TOTAL	124,0%	119,3%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Por outro lado, a Tabela 22 permite concluir que 29,1% dos licenciados que responderam ao inquérito e que estão actualmente empregados frequentam ou frequentaram cursos de mestrado. Esta Tabela sugere também que, grosso modo, às classes de rendimentos mais elevadas correspondem maiores taxas de frequência deste tipo de cursos. De facto, a taxa de frequência de mestrados, que é de 20,0% entre os licenciados com rendimentos inferiores a 500 euros, cresce até aos 45,0% entre os licenciados com rendimentos entre 1000 e 1500 euros. Esta taxa cai ligeiramente entre os diplomados com rendimentos mais elevados (36,4%). A quebra poderá resultar do facto de a este nível ser menor a percepção, por parte do licenciado, de que a realização de um mestrado poderá contribuir para melhorar os seus rendimentos ou estimular a sua progressão na carreira.

Tabela 22: Frequência de Mestrado por rendimento líquido mensal

	< 500 €	[500 € - 1000 €]	[1000 € - 1500 €]	≥ 1500 €	TOTAL
Frequenta(ou) Mestrado	20,0%	25,0%	45,0%	36,4%	29,1%
Não frequenta(ou) Mestrado	80,0%	75,0%	55,0%	63,6%	70,9%
TOTAL	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

À semelhança do ocorrido com as pós-graduações, são os licenciados insatisfeitos ou pouco satisfeitos com as suas oportunidades de promoção que mais

³ No contexto das pós-graduações não se identificou qualquer relação deste tipo.

frequentam cursos de mestrado (31,9% contra 27,1% dos satisfeitos ou muito satisfeitos). É ainda de salientar que, dentro do grupo de licenciados que actualmente estão empregados, são aqueles que não pertencem aos quadros das instituições que mais frequentam os mestrados (34,7% contra 21,7% dos que pertencem aos quadros).

Os dados sugerem ainda que, aparentemente, a taxa de frequência dos cursos de mestrado não é sensível à licenciatura base do inquirido. De facto, a análise permite verificar que 27,3% dos licenciados em Gestão de Empresas optaram por fazer um curso desta natureza, sendo essa taxa de 31,1% entre os licenciados em Economia.

Por fim, a análise do impacto do sexo na opção de frequentar um curso de mestrado gera resultados diferentes daqueles apresentados anteriormente para as pós-graduações. Com efeito, a percentagem de licenciados do sexo masculino que decide frequentar mestrado (39,3%) é superior à de licenciados do sexo feminino (23,1%).

5.7.6. Doutoramento

Dos 135 licenciados que responderam ao inquérito, três estão neste momento a frequentar programas de doutoramento, sendo todos titulares de uma licenciatura em Economia. Um está à procura de emprego e os restantes auferem rendimentos líquidos mensais superiores a 1500 euros, estando muito satisfeitos com a estabilidade proporcionada pelo trabalho e com as oportunidades de promoção de que dispõem.

6. Conclusão

Cinco anos após a conclusão do primeiro estudo sobre a inserção profissional dos licenciados pela FEUALG, que abrangeu todos os que terminaram o seu curso até 1998, tornou-se indispensável realizar um segundo estudo para apurar as novas condições de inserção profissional. A metodologia adoptada foi semelhante à de 1998, a fim de permitir algumas comparações, tendo estabelecido como alvo todos os licenciados no período complementar de 1999 a 2003. A análise dos dados recolhidos permitiu chegar às seguintes conclusões principais, que, dada a dimensão da amostra e a taxa de resposta, poderão ser com alguma segurança extrapoladas para a população:

- o tempo médio de espera para obtenção do primeiro emprego é de 2,6 meses, cerca de metade do tempo de espera calculado anteriormente para os licenciados até 1998;
- o tempo médio de espera parece continuar a estar inversamente correlacionado com a nota final de curso. Para notas superiores a 14 valores, o tempo de espera (1,7 meses) é cerca de metade do tempo de espera de licenciados com nota de 11 valores (3,5 meses);
- a taxa de desemprego dos licenciados é de cerca de 11,2%. Esta taxa é praticamente idêntica à apurada no primeiro estudo (11%), pelo que o mercado parece continuar com a mesma capacidade de absorção de licenciados em Economia e Gestão de Empresas que tinha há cinco anos;
- não há nenhum licenciado da amostra com o curso de Gestão de Empresas à procura de emprego;
- em geral, o desemprego afecta mais os licenciados em Economia, os licenciados

do sexo feminino, os licenciados há menos tempo e os licenciados com notas mais baixas. No estudo anterior, o desemprego era também associado aos licenciados há menos tempo e com notas mais baixas;

38,7% dos licenciados que trabalham pertencem aos quadros e 30,2% têm contrato a termo certo. Estas percentagens registam ligeiras reduções relativamente ao estudo anterior, 45% e 31% respectivamente, mas deve-se notar que os actuais inquiridos dispuseram de um máximo de cinco anos para consolidar a sua situação contratual, ao passo que no estudo anterior esse tempo foi de 10 anos;

65,3% dos licenciados auferem rendimentos líquidos mensais entre 500 e 1000 euros e 26,2% têm rendimentos acima dos 1000 euros. A primeira destas percentagens regista uma redução de 11,7%, face ao estudo de 1998, e a segunda, um aumento de 6,2%. A evolução permite estimar um incremento do rendimento médio de 823 euros para 900 euros, a uma taxa média anual de 1,8%, mas abaixo da inflação média destes anos;

os rendimentos líquidos mensais dos licenciados parecem estar associados às notas médias de curso. Uma nota superior a 14 mais que duplica a probabilidade de auferir rendimentos superiores a 1000 euros;

60,1% dos licenciados que trabalham estão satisfeitos ou muito satisfeitos com as oportunidades de promoção que a sua actividade profissional lhes oferece. Neste caso, a comparação com o estudo anterior não é tão fácil porque a questão e os tipos de respostas eram diferentes. Registe-se apenas que, nessa altura, a percentagem de licenciados com uma perspectiva elevada ou média de ascensão profissional era maior (80,9%);

84,5% dos licenciados que trabalham considera, o curso importante ou muito importante para o desempenho das suas funções. Neste caso, a comparação também não é fácil, pelas mesmas razões. Registe-se então que, naquela data, a percentagem de licenciados que consideravam a preparação universitária recebida como boa ou muito boa era um pouco maior (91%);

68,7% dos licenciados já receberam ou estão a receber formação após a conclusão do seu curso. Os tipos de formação escolhidos são, por ordem decrescente, mestrado (29,9%), estágio profissional (27,6%), formação profissional (24,6%), pós-graduação (14,9%) e doutoramento (2,2%).

Em geral, as conclusões do estudo são muito positivas e sugerem que, apesar do contexto económico relativamente desfavorável do último par de anos, a inserção profissional parece estar tão ou mais facilitada que no período abrangido pelo primeiro estudo realizado sobre a inserção profissional dos licenciados da FEUALG.

7. Referências

ALUCEE - Associação de Licenciados da UCEE (1999) *Saídas Profissionais dos Licenciados da Unidade de Ciências Económicas e Empresariais da Universidade do Algarve*, ALUCEE, Faro. (Síntese do estudo disponível em <http://www.fe.ualg.pt/adife>.)

Anexo – Modelo do questionário aos licenciados da Faculdade de Economia da Universidade do Algarve de 1999 a 2003.



Faculdade de Economia da Universidade do Algarve

INQUÉRITO AOS ANTIGOS ALUNOS DA FEUALG

1. Caracterização do(a) licenciado(a)

1.1. Sexo M F

1.2. Idade <26 [26-30] [30-40] >40

1.3. Nome do curso Gestão de Empresas Economia

1.4. Ano de conclusão do curso 1999 2000 2001 2002 2003

1.5. Nota final de curso 10 11 12 13 14 15 16 >16

2. Depois de ter concluído o seu curso, quanto tempo permaneceu (ou permanece) à procura do primeiro emprego?

Empreguei-me antes da conclusão do curso Entre 6 e 12 meses

Até 1 mês após conclusão do curso Mais de 12 meses

Entre 1 e 6 meses

3. Qual a sua situação actual face ao emprego?

Trabalha Procura emprego (*)

Não trabalha, mas não procura emprego (*)

(*) se actualmente não trabalha passe para a questão 8.1.1

4. Qual é o seu vínculo contratual?

Prefere aos quadros Recibo verde

Contrato com renovação garantida Estágio profissional

Contrato a termo certo Outra

5. Qual é, aproximadamente, o seu rendimento líquido mensal?

Menos de 500€ Entre 1001€ - 1500€

Entre 500€ - 1000€ Mais de 1500€

6. Qual o grau de importância do curso no desempenho das suas funções?

Muito importante Importante Pouco importante

7. Pensado na sua actividade principal, qual o seu grau de satisfação relativamente a cada um dos aspectos:

	Muito Satisfeito(a)	Satisfeito(a)	Pouco satisfeito	Insatisfeito
7.1. Estabilidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7.2. Nível de remuneração	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7.3. Oportunidades de promoção	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7.4. Autonomia de que dispõe	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7.5. Interesse da actividade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

8. Recebeu, ou está a receber, formação adicional depois de se diplomar?

Sim Não

(*) se respondeu não, dê por finalizado o inquérito.

9. Que tipo(s) de formação frequentou (ou frequenta)?

	Frequenta	Frequentou
Estágio	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Curso de Formação Profissional	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Pós-Graduação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Mestrado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Doutoramento	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Gratos pela atenção dispensada.